



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
E LITERATURA DA LÍNGUA PORTUGUESA



ARISSANDRA ANDREIA DOS SANTOS

**A MULHER NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PIAUIENSE: ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE LUIZA AMÉLIA
DE QUEIROZ, EM FLORES INCULTAS**

PICOS-PI
2021

ARISSANDRA ANDREIA DOS SANTOS

**A MULHER NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PIAUIENSE: ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE LUIZA AMÉLIA
DE QUEIROZ, EM FLORES INCULTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa
Orientador (a): Profa. Me. Fernanda Martins Luz Barros



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 15:00 horas do dia 26 de novembro do ano de dois mil e vinte e um, na sala virtual, Google Meet, Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do **Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **Arissandra Andreia dos Santos**, do curso de Letras desta Universidade com o título: **A mulher na literatura de expressão piauiense: análise da construção da identidade no discurso poético de Luiza Amélia de Queiroz, em Flores Incultas**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros (orientador –presidente)**, **Prof. Fabrício de Oliveira Nobre (1º examinador)** e **Prof. Ma. Maria Aldetrudes de Araújo Moura (2º examinador)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: **nove (EXTENSO)**; **nove (EXTENSO)** e **nove (EXTENSO)**. Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral **nove (EXTENSO)**. E para constar, eu, **Fernanda Martins Luz Barros**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 26 de novembro de 2021. Assinatura dos membros da Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Martins Luz Barros

Presidente

Fabrício de Oliveira Nobre

Prof. (Primeiro examinador)

Maria Aldetrudes de Araújo Moura

Prof (Segundo examinador)

PICOS-PI

2021

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é escrito em memória de Luciano da Silva Vieira, alguém que foi muito importante em minha vida, por quem eu senti o amor mais puro e sensível.

Sou grata ao altíssimo senhor dos meus dias, pela saúde e pela coragem de sempre ir atrás dos meus sonhos com fé e determinação, mesmo tendo surgido tantos momentos complicados durante a minha trajetória acadêmica, sempre fiz deles oportunidades de aprendizado, cada prova, seminário, artigo, entre outros trabalhos me tornaram mais forte e contribuíram para minha formação intelectual e humana.

Gostaria de agradecer à minha família, pois foi testemunha dos meus dias de muita luta, à minha querida mãe dona Andréia, pelos conselhos, carinho e amor incondicional, ao meu querido pai pela força e o carinho, sem vocês eu não teria conseguido. Também sou grata às minhas irmãs Auridete e Auricélia, pelos momentos de companheirismo e boas risadas; ao querido Marcos Andrade pela amizade de sempre.

Desde a primeira palavra até o último ponto deste trabalho, a querida orientadora Fernanda Martins Luz Barros, foi essencial, sou grata pela paciência e ensinamentos, pois aprendi a dar os meus primeiros passos.

Gostaria de agradecer a cada professor e funcionário da UFPI que de alguma forma contribuíram para a minha trajetória, em especial gostaria de agradecer ao querido Juscelino Francisco do Nascimento pelos ensinamentos e pela amizade, orientações e disponibilidade de sempre ter me ajudado quando eu precisei; e ao meu grande mestre por quem eu sinto grande admiração, Luiz Egito de Sousa Barros.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A CONSTRUÇÃO DA VISÃO DO QUE É SER MULHER NO SÉCULO XIX	7
2.1 A EDUCAÇÃO FEMININA NO PIAUÍ DO SÉCULO XIX.....	9
2.2 CULTURA, CRÍTICA E ESCRITA FEMININA, UMA REFLEXÃO ACERCA DA MULHER NA LITERATURA.....	12
2.3 O PIONEIRISMO DE LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PIAUIENSE.....	15
3 DISCURSO, IDENTIDADE E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	19
3.1 O DISCURSO E A SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	25
3.2 PERCURSO METODOLÓGICO EM ANÁLISE DO DISCURSO.....	29
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA	30
4.1 DISCUSSÃO TEÓRICA EM TORNO DOS POEMAS: “A MULHER,” “NÃO SOU POETA”, “CONSELHOS” E “LIRA DORMENTE”	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da identidade no discurso poético da escritora Piauiense, do século XIX, Luiza Amélia de Queiroz, a luz da análise do discurso materialista, nesse sentido, como objetivos específicos iremos averiguar a representação feminina na literatura de expressão Piauiense; identificar a condição da mulher escritora inserida em uma sociedade patriarcal do século XIX; investigar a construção da identidade na escrita da autora. Quanto a metodologia esta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo, visando a possibilidade de construção de sentidos através da interpretação dos poemas analisados no livro *Flores Incultas*, a fim de delimitarmos o objeto de estudo elegemos quatro poemas, a saber, **A mulher, Não sou poeta, Conselhos e Lira dormente**. Nesses poemas, depreendemos a análise temática sobre o desconforto sentido pela autora em relação às condições das mulheres. Para embasamento teórico, nos respaldamos nos estudos culturais preconizados por Hall (2006) e Woodward *et al.* (2014), além disso alguns autores foram essenciais para estabelecer uma discussão em torno da origem e dos fundamentos teóricos que norteiam a Análise do Discurso materialista, para isso, a discussão é fundamentada nos pressupostos de Pêcheux (1995), Orlandi (2005), Malidier (2003) entre outros. Os resultados desta pesquisa apontam que os poemas analisados trazem em seus versos o protagonismo feminino e a representação da mulher na literatura de expressão Piauiense. A autora se apropria do discurso poético a partir do seu lugar de atuação e da sua situação de produção com o propósito de construir uma identidade feminina com multifacetados papéis sociais.

Palavras-Chave: Construção da identidade; discurso feminino; representação da mulher

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção da identidade no discurso poético da escritora, oitocentista, Luiza Amélia de Queiroz, à luz da Análise do Discurso, materialista, nas categorias de Condições de Produção (CP), Formação Discursiva (FD) Memória Discursiva, Posição-sujeito, Interdiscurso, Silenciamentos e Esquecimentos. Além disso, como objetivos específicos, elencamos os seguintes: averiguar a representação feminina na literatura de expressão Piauiense; identificar a condição da mulher escritora inserida em uma sociedade patriarcal do século XIX; investigar a construção da identidade na escrita da autora.

Queiroz se destacou ao ingressar na carreira literária e publicar *Flores Incultas* (1875), objeto desta análise, também publicou sua segunda obra, *Georgina ou os efeitos do amor* (1893), além de poesias avulsas que foram publicadas em periódicos ou jornais da época. Queiroz foi pioneira ao dedicar-se às publicações na província do Piauí, ao ter escapado dos pressupostos estabelecidos ao seu gênero, foi uma mulher de postura transgressora, mesmo estando inserida na esfera doméstica. Ainda que tenha recebido uma educação rudimentar, não passando do ensino das primeiras letras, não deixou de produzir poesias, foi autodidata, teve contato desde muito cedo com obras literárias e educou-se através delas.

Nesse sentido, buscamos adentrar tanto no contexto sócio-histórico quanto no discurso da autora quanto do século XIX, para entendermos o modelo educacional reservado às mulheres da época de Luiza Amélia de Queiroz, já que essas não tinham acesso às mesmas condições de instrução que tinham os homens. Por muito tempo os discursos femininos foram suprimidos, levando em consideração que a participação da mulher na história e na cultura foi sempre à margem.

Para tanto adentramos na categoria de CP do discurso, a fim de vislumbrarmos como a produção de sentidos é materializada dentro do discurso poético da autora em análise. Diante disso, esta investigação traz o seguinte problema: de que maneira a identidade feminina é construída dentro do discurso poético de Luiza Amélia de Queiroz, que assumiu a prática literária frente a uma sociedade norteadada por modelos morais do patriarcalismo?

Quanto à metodologia, esta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo, visando a possibilidade de construção de sentidos através da interpretação dos poemas analisados no livro *Flores Incultas*, pois consideramos que nenhum discurso é neutro, muito menos o dispositivo de análise depreendido pelo método de interpretação do analista do discurso.

A fim de delimitar o objeto de pesquisa, o *corpus* é composto de quatro poemas do livro supracitado, a saber: **A mulher, Não sou poeta, Conselhos e Lira dormente**. Nesses poemas, depreendemos a análise temática sobre o desconforto sentido pela autora em relação às condições das mulheres. Diante disso, o principal tema trazido à tona é o profundo incômodo que a autora manifesta em relação às condições de submissão que as mulheres eram impostas na sua época, observamos isso até mesmo no nome elegido para o livro, haja vista que as mulheres eram consideradas belas e delicadas como flores, mas incultas pela falta de acesso à instrução.

Esta pesquisa se debruça sobre a perspectiva da construção da identidade do sujeito discursivo na escrita poética da autora, no qual norteou as nossas análises, por isso, dividimos o trabalho em três seções. Na primeira, discorremos sobre o pioneirismo de Queiroz no mundo das letras e a educação feminina em meados do século XIX, respaldando nos estudos sobre a crítica e a reflexão do que foi ser uma mulher escritora mediante o discurso androcêntrico vigente, fomentado pelos rígidos pilares patriarcais.

Na segunda seção, trazemos os aspectos teóricos que fundamentaram da análise do discurso de linha francesa, como ciência autônoma no campo das ciências humanas, onde o discurso é tratado como objeto de análise, lugar onde o simbólico atua, perpassado pela ideologia, o histórico e o social. Ainda nesta seção, discutimos o conceito de identidade produzida pelo sujeito na esfera do discurso, equiparando a nossa análise através dos estudos culturais, dando ênfase à heterogeneidade e fragmentação da identidade cultural transitória.

Na terceira seção, realizamos a análise do *corpus* na perspectiva da Análise do Discurso materialista, para isso, expomos na íntegra os quatro poemas supracitados anteriormente, para neles vislumbrarmos as sequências discursivas, onde realizamos a leitura, descrição dos dados e interpretação do caráter de denúncia social contido no discurso de Queiroz. Vale ressaltar que a AD trabalho nos limites da interpretação, para que os sentidos sejam construídos dentro do discurso em análise.

2 A CONSTRUÇÃO DA VISÃO DO QUE É SER MULHER NO SÉCULO XIX

A condição da mulher no século XIX era de subserviência aos pressupostos do regime patriarcalista vigente, diante disso, as suas tutelas eram passadas do pai ao marido, esses eram os seus responsáveis legais e conseqüentemente aqueles que tomavam as decisões. A relação das mulheres com o saber era muito restrita, já que essas não tinham acesso à educação superior. Diferente dos homens, existia uma construção social em torno dos papéis femininos e

masculinos. Os homens eram reservados à esfera pública, já as mulheres eram reservadas ao matrimônio e aos cuidados com o lar e os filhos.

O processo de escolarização, segundo Jinzenji (2012, p. 7) “nas primeiras décadas do século XIX, ainda era incipiente”, longe da realidade de muitas mulheres, no entanto, algumas delas começam a destacar-se no mundo das letras através da escrita literária e publicação em periódicos, como é o caso da escritora piauiense Luiza Amélia de Queiroz. Mesmo assim, segundo Silva (2015, p. 13), “a mulher no século XIX, precisamente no sertão piauiense, possuía desde a infância a responsabilidade do lar. Nesse contexto, voltando ao campo e à família, os estudos eram limitados para todos, só que para as mulheres de forma mais intensa”.

Havia uma desproporção do público feminino nas escolas, uma parte considerável dessas mulheres eram analfabetas, principalmente as que habitavam o sertão nordestino. Era predominante uma leva de jovens senhoras que apenas recebiam a educação das primeiras letras com o mero propósito de serem preparadas para serem boas mães e excelentes donas de casa. Conforme Barion *et al.* (2020, p. 5):

A maior parte da população feminina no Brasil era analfabeta, as poucas mulheres que aprendiam a ler e escrever, assim faziam em suas próprias casas com suas preceptoras, professoras contratadas da Europa que ensinavam também os ofícios domésticos, como bordar, ser mãe é uma boa dona de casa.

A situação feminina no século XIX, mediante os pilares morais da sociedade patriarcal, era de fragilidade jurídica diante das tradições culturais comuns. A mulher deveria casar-se segundo os preceitos da Igreja Católica e manter-se nesse relacionamento silenciada e obediente, atendendo às necessidades tanto do marido quanto das imposições sociais. Nesse contexto, era reservada ao espaço doméstico e com isso a iminente visão estereotipada de inferioridade da mulher em relação à: produção intelectual, participação social e atuação na política.

O público feminino não era incentivado a exercer atividades de leitura e escrita. As mulheres não tinham acesso a um plano educacional que colocasse em pauta o ensino como modalidade igualitária entre os gêneros. A trajetória educacional feminina foi marcada por uma série de proibições e controle, o papel da mulher leitora tradicional era resguardar os bons costumes e as tradições familiares, elas não poderiam almejar mais que a educação a nível primário. De acordo com Tosi (1998, p. 379):

Os planos de educação continuaram confinando as mulheres ao saber doméstico que consistia na leitura e na escrita, algumas noções de cálculo

necessárias ao bom funcionamento da economia familiar e, no caso das moças das classes mais ricas, na prática das artes recreativas, Música, Canto, Dança, etc. Excluídas de toda função política, as mulheres só podiam pretender adquirir uma educação a nível primário.

As mulheres que possuíam um certo nível intelectual ao quebrar certos paradigmas existentes socialmente, eram consideradas “portadoras de um saber ‘excessivo’ considerado chocante e contraditório às boas maneiras” (*Ibidem*, p. 378). A mulher escritora era considerada transgressora dos costumes tradicionais, no entanto, no final do século XIX, tornou-se cada vez mais constantes jornais serem dirigidos por senhoras, assim como publicações femininas em periódicos e livros como uma possibilidade de manifestação das expressões subjetivas femininas.

A prevalência de mulheres dedicadas à leitura e à publicação cresceu significativamente na Europa. O público feminino, em particular às mulheres alfabetizadas e de classe econômica abastada, passou a adotar a leitura de romances como entretenimento, conforme Araújo (2008, p. 47), “a partir do século XIX as mulheres apresentavam, na Europa, uma parcela substancial e crescente do público leitor de romances. As oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, a alfabetização feminina promoveram um novo quadro de leitura para as mulheres”.

Não obstante, a condição de escolarização na Europa do século XIX caminhou lentamente. No Brasil esse cenário foi ainda mais retrógrado. Nos primórdios da educação brasileira, as mulheres eram enxergadas como subcidadãs, a sua educação e suas escolhas de leitura deveriam ser tuteladas pelo marido, além de obedecerem aos preceitos da moral religiosa em vigor.

Nas entrelinhas da história, a chegada da família real ao Brasil em 1808 trouxe consigo o mercado editorial e a possibilidade de publicações de vertente feminina e masculina, embora de maneira incipiente para ambos os sexos. Por sua vez, as mulheres no Brasil colônia eram excluídas do processo de escolarização, muito embora o ensino durante o império consistisse em assegurar a educação primária e gratuita para todos, desconsiderando a população negra e indígena que não eram considerados cidadãos. Sendo assim, a lei outorgada em 15 de outubro de 1827, primeira constituição imperial, em seu artigo 1º dispõe que “Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas das primeiras letras que forem necessárias”(BRASIL, 1827) . A sanção dessa lei possibilitou a educação primária da população nacional, inclusive das mulheres, com as noções mais básicas de leitura, escrita, primeiras operações matemáticas e moral cristã.

Às mulheres esse era o nível de escolarização aceitável, já que elas eram preparadas para serem as guardiãs do lar, e, essencialmente, aquelas responsáveis pela educação inicial dos filhos. É importante frisar que existia uma necessidade social de educar as mulheres de famílias abastadas, para que elas pudessem cultivar os bons costumes e não envergonhar os pais ou maridos publicamente, por isso na maioria das vezes a educação feminina ocorria no seio familiar. Conforme Tosi (*Ibidem*), “uma vez admitida a necessidade de reformar a educação das mulheres, o debate se circunscreve, sobretudo, à questão do lugar onde o ensino deve ser ministrado: casa paterna ou instituição”, todavia, a educação na casa paterna só era possível mediante a uma condição financeira privilegiada, na maior parte das vezes as jovens meninas eram encaminhadas para as escolas normais.

2.1 A EDUCAÇÃO FEMININA NO PIAUÍ DO SÉCULO XIX

De maneira geral, a escolarização da população piauiense em meados do século XIX estava organizada em quatro modalidades, a saber, “o ensino primário, secundário, particular e profissionalizante”(QUEIROZ, 2017) No entanto, é importante frisar que a educação era precária, não havia assistência governamental que contribuísse para o seu desenvolvimento. Na perspectiva de compreender o processo de escolarização na província do Piauí, faz-se necessário averiguar as características e a origem das escolas oficiais, bem como o espaço feminino na educação dessa época.

No tocante ao ensino público primário no Piauí, na segunda metade do século XIX, correspondente às décadas de 1870 e 1880, conforme aponta Queiroz (2017, p. 9), pairava

A generalização da ideia de que o ensino popular viria a ser a salvação do país. Esta ideia, cujo desenvolvimento assumiu forma mais complexa posteriormente, se fazia presente orientando, por exemplo, a instalação de escolas noturnas para adultos pobres e a legislação sobre a obrigatoriedade do ensino.

Nesse sentido, a ampliação do ensino das primeiras letras para toda a população, tanto na capital da província, Teresina, quanto no interior do Estado, era um dever do poder público, isso suscitou um maior número de instituições escolares voltadas para essa demanda educacional.

No entanto, esse crescimento tanto no número de alunos quanto no número de escolas no Estado, conforme Borges (2017, p. 38):

[...] não conseguiu solucionar de forma alguma as necessidades do Estado em meio ao crescimento da população que estava escolarizada. Nesse sentido, o Piauí permanecia como uma das unidades da Federação que possuía o maior número de analfabetos em relação a população total do estado.

Diante desse cenário de precarização, torna-se desfavorável o ensino primário, seja pelas condições inapropriadas do exercício do magistério ofertado pelo poder público, seja pelas condições adversas que o alunado enfrentava para chegar às escolas e participar das aulas. Nesse enfoque, Queiroz (2017) traz à tona informações sobre supostas cartas de professores primários, dentre outros materiais publicados na imprensa local, referentes às condições de instrução ofertada nessas escolas:

[...] professores semianalfabetos ou até analfabetos, segundo as fofocórias notas da imprensa; concurso em geral fraudulentos; ordenados miseráveis e frequentemente atrasados; inexistência de prédios escolares e de verbas para aluguel das salas para esse mister; perseguições políticas por parte dos inspetores literários; total inexistência de material didático, inclusive de quadro de giz e de livros- sendo prática usual a de os alunos se alfabetizarem utilizando-se de velhos jornais que alcançaram o interior; exonerações e substituições devidas unicamente ao critério da política partidária. Não é possível deixar de referir à incipiente urbanização, às distâncias a percorrer pelos alunos até alcançar a aula primária e à própria condição dos alunos, “rotos e descalços”. (QUEIROZ, 2017, p. 10-11).

Coexistiam a má profissionalização dos professores, que em muitos casos eram analfabetos, e a negligência do poder público no fornecimento de um ambiente adequado para a prática do magistério, que contenha salas de aulas equipadas com livros e materiais didáticos. Ademais, prevaleciam as perseguições políticas, em outras palavras, muitos profissionais da educação eram exonerados dos seus cargos nesta época em função do partidarismo da política local. Outro fator discorrido por Queiroz e que influenciou diretamente no ensino aprendizagem é a condição dos alunos que frequentaram nas escolas, ou seja, a estadia dependia das suas condições socioeconômicas, que em muitas das vezes eram desfavoráveis.

Em relação ao ensino secundário no Estado do Piauí, na segunda metade do século XIX, era um privilégio gozado apenas pela elite que visava à formação básica por meio de aulas particulares ofertadas. Diante disso, a oficialização concreta das instituições de ensino “teve início com escolas particulares fundadas em Jaicós, Piripiri e Parnaíba” (*Ibidem* p. 12). No tocante à expansão do ensino secundário na rede pública de ensino no Estado, discorre Queiroz (2017, p. 13), “foi no Liceu Piauiense, hoje colégio Zacarias de Góis, criado pela lei provincial nº 19, de 6 de outubro de 1845”.

O Liceu funcionou por muito tempo como a única instituição secundária da província do Piauí, porém outras escolas particulares começaram a disputar espaço, dessa maneira, prevaleceu uma organização voltada para o curso irregular, isto é, aulas avulsas, ficando a critério do aluno a organização do seu curso secundário, metodologia muito parecida com o sistema de ensino particular tanto de ensino primário, quanto do secundário, onde as aulas eram realizadas em casa por professores contratados pelas famílias. Nesse contexto, Queiroz (2017, p. 35) enfatiza que:

As aulas particulares de instrução primária e de matérias isoladas da instrução secundária foram uma constante no panorama educacional do Piauí desde a primeira metade do século XIX. Elas existiam em grande número em Teresina, bem como nas vilas e nas próprias fazendas, pois a instrução pública no interior era ainda mais deficiente do que na capital.

Além das modalidades de ensino supracitadas, o ensino profissionalizante foi aquele que mais buscou alfabetizar, ao passo que preparava os alunos para o ofício do magistério. Nesse ínterim, a primeira escola normal profissionalizante surgiu “pela Resolução provincial n. 563, de 5 de agosto de 1864, na gestão do presidente Franklin Américo de Meneses Dória” (*Ibidem* p. 24). É relevante enfatizar que dentre o alunado das escolas normais destacavam-se majoritariamente o público feminino, haja vista que houve uma substituição no ensino primário do gênero masculino pelo feminino.

Conforme os dados apresentados por Queiroz (2017, p. 80), no ano de 1920 “já se poderia dizer que o ensino, obedecendo à tendência que vinha no final do século, estava quase totalmente ligado ao sexo feminino. Nesse ano, de um total de 101 professores primários, apenas oito eram homens”. Em consonância com o exposto, com o advento das escolas normais, as mulheres ganham espaço no magistério e a oportunidade de ultrapassar o ensino das primeiras letras, tornando-se, então, educadoras atuantes na sociedade por meio do sistema educacional.

Apesar desse avanço, ainda era incipiente a participação da mulher no ensino superior, o sistema de ensino estava em consonância com os valores sociais e os pilares morais da sociedade patriarcal da época, onde os espaços eram bem delineados, cabendo o espaço público ao chefe da família, o homem, e à mulher o espaço doméstico, como aquela responsável pelos cuidados com os filhos, sendo a boa mãe, boa esposa e guardiã do lar e dos bons costumes.

Foi um período histórico e cultural marcado pela restrição dos espaços que a mulher poderia pertencer, no entanto, diante de uma transformação lenta, mas gradual, ocorrida durante o final século XIX e início do século XX. No tocante à educação superior das mulheres no

Piauí, elas passaram a reivindicar e a ocupar espaços do saber. Conforme Correia (2017, p. 24), “em 1931 foi instalada a primeira instituição de ensino superior no Estado do Piauí. Na primeira metade do século XX já começaram a surgir as primeiras mulheres formadas”.

Embora Luíza Amélia de Queiroz não tenha se instruído através de uma instituição de ensino superior, por não ter vivido nesse contexto em que as mulheres ingressaram nas primeiras universidades, ela o fez por iniciativa própria. Há registros bibliográficos de que ela foi autodidata, teria tido apenas o ensino primário, mas que após o contato com obras de renomados poetas, teria desenvolvido habilidades de leitura e escrita. Segundo Freitas (2012, p. 92):

Desde pequena, D. Luíza Amélia dedicou-se às letras, alimentando, como a castra vestal antiga, o sagrado fogo da poesia. Apesar das deficiências de sua educação, que não passou dos primeiros rudimentos primários, a vocação a impeliu para o estudo com que ela pôde, pelo esforço de uma vontade de que só as grandes inteligências são capazes, ilustrar-se, elevar-se a um alto degrau de instrução, suficiente para dar tão brilhante irradiação a seu estro.

Queiroz desde muito cedo se dedicou à poesia constituindo-se como uma mulher culta e letrada do século XIX, pertencente a um status social elevado, era portadora de um intelecto e de uma força de vontade que só os grandes escritores possuem. Além de ter lido desde muito cedo poetas românticos da época, como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo e sofrido ela acabou sofrendo as influências desses autores, além disso, sua escrita poética também era inspirada em questionamentos sobre o lugar da mulher na literatura e seus sentimentos subjetivos. É possível evidenciar o protagonismo na escrita poética da autora, ao defender a instrução para o público feminino em um contexto no qual a educação no Piauí era centrada no ensino primário, onde as mulheres deveriam aprender somente o essencial para ser uma boa mãe e boa esposa.

2.2 CULTURA, CRÍTICA E ESCRITA FEMININA, UMA REFLEXÃO ACERCA DA MULHER NA LITERATURA

A escrita de cunho feminino designa uma produção ficcional ou não-ficcional realizada por mulheres, nesse sentido, Branco (199, p. 16) coloca uma questão que transcende o gênero na escrita “A escrita tem sexo?”, para ela, “qualquer escrita fala mais do que pretende ou do que pensa estar falando”, a escrita literária é uma estética que vai muito além do seu escritor, ela ultrapassa a herança depreendida pelo autor do texto, capaz de proporcionar ao leitor a

possibilidade de imaginar coisas através do exercício de leitura . Desse modo, o termo, *escrita feminina*, imprime uma categoria de autoria relacionada à mulher e sua identidade. Para além da escrita, o termo feminino formula uma teoria crítica acerca da participação da mulher na história e na cultura, mesmo assim o público feminino por muito tempo tem ocupado uma posição à margem e tem sido deixado de fora da história

O discurso feminino foi obscurecido pelo discurso masculino dominante na história, cultura e literatura, deixando de lado o desenvolvimento de uma consciência feminina coletiva voltada para o passado das mulheres, suas lutas e suas produções intelectuais. Na literatura não seria diferente, já que a escrita feminina por muito tempo foi atrelada a questões culturais arbitrárias, haja vista que as produções masculinas possuem uma força cultural consolidada pela esfera pública, já a produção das mulheres não era bem vista em todos os setores sociais. Nesse contexto, existia uma posição entre o privado e o público entre os gêneros, conforme destacam Ferreira e Nascimento *et al* (2002, p. 101):

A relação homem-mulher caracteriza a oposição entre privado e público. Essa oposição não determina estereótipos culturais ou desigualdades no jogo da valorização e desvalorização dos sexos, mas, antes, subordina a sustentar uma identificação muito geral das mulheres com a vida privada e dos homens com a vida pública. A mulher está submetida a padrões culturais arbitrários, seu poder é encarado como ilegítimo ou desimportante. Mas é necessário lembrar que, enquanto a autoridade legítima o uso do poder masculino, este não se esgota. É importante observar que, conhecendo o fato da autoridade do homem amplamente reconhecida culturalmente.

Diante dessa premissa discutida, existia uma posição demarcada entre o público e o privado, de maneira análoga aos dois lados de uma moeda, de um lado o poder inesgotável e culturalmente reconhecido do homem na esfera pública, do outro a mulher reservada à esfera privada do lar, submetida aos valores morais patriarcais, muitas vezes era considerada inferior e socialmente incapaz de participar da produção intelectual. A discussão sobre a inferioridade intelectual da mulher reforçou ainda mais a sua exclusão na escrita literária, conforme Zianni e Polesso (2010, p. 108), “o que acontece é que ignoradas por tanto tempo ou recebendo um papel secundário no plano cultural, firmou-se a ideia de que as mulheres não tinham produções intelectuais de qualidade”. A observação desse fenômeno se dá pelo fato de que as mulheres ficaram excluídas por muito tempo do cânone literário.

Do ponto de vista de Branco (1991), as autoras femininas optam mais por uma escrita autobiográfica e memorialista, em especial as oitocentistas do século XIX que escreviam prosa ou poesia com temáticas românticas,. Esses gêneros eram escritos devido às mulheres terem

uma relação mais intimista com a sua subjetividade e com o ambiente do lar. É importante frisar que devido as mulheres não terem experiências na esfera social, em viagens ou aventuras, eram consideradas como incapazes de escreverem romances de qualidade, no entanto, isso pode ser justificado sob uma ótica histórica e sociológica, assim como argumenta Branco (*Ibidem*, p. 15

As autoras falavam muito da maternidade, do próprio corpo, da casa e da infância e quase nada ou (nunca) dos negócios, da vida urbana, das guerras do mundo exterior ao eu. Mas essas preferências são facilmente explicáveis por uma leitura de cunho sociológico: Com um olhar histórico, não é difícil afirmar que as mulheres não escreviam textos épicos porque não iam às guerras, que sua preferência pelo gênero memorialístico e autobiográfico se deve ao seu profundo conhecimento dos universos do lar e do eu, própria à criação de uma escrita intimista.

Lacunas foram deixadas ao longo do século na consolidação do percurso intelectual feminino, por conseguinte a representação da mulher na literatura era realizada sob uma ótica predominantemente masculina, eles se empenharam em construir um modelo de mulher que atendessem às determinações da sociedade burguesa de sua época, para tanto, elaboraram personagens femininas com modelos de comportamento pré-determinados, conforme os pressupostos de Freitas, Nascimento *et al* (2002, p. 100), a saber, a “mulher-anjo, a mulher-sedução e a mulher-demônio”. A primeira diz respeito à donzela inocente que encontra o seu primeiro amor, a segunda à mulher bela de cabelos longos e pretos que atrai o seu amado com os seus encantos, a última, mas não menos importante, diz respeito à mulher sedutora e impura do século XIX excluída da sociedade.

No entanto, a mulher escritora, criadora de personagens em romances ou a mulher poetisa, era vista como sujeito incapaz de escrever, bem como incapaz de desempenhar um papel reflexivo e crítico na estética de criação literária, por esse e outros motivos, muitas mulheres foram silenciadas e tiveram suas expressões poéticas e artísticas refreadas. Esse silenciamento recai sobre os grupos minoritários perante a cultura e a sociedade sob o jugo do discurso androcêntrico dominante, nesse sentido, as mulheres representam um grupo silenciado. Segundo Holanda (1994, p. 47), “os grupos silenciados devem mediar suas crenças por meio das formas permitidas pelas estruturas dominantes. Dir-se-ia de outra forma que toda linguagem é a linguagem de ordem dominante, e as mulheres, se falarem, devem falar através dela”.

Nessa linha de raciocínio, o discurso feminino, por muito tempo reprimido, sempre esteve lá, mesmo silenciado. A mulher, ao expressar-se por meio da linguagem como instrumento representativo, é capaz de deixar nas entrelinhas os não-ditos, cabendo a interpretação do leitor, mas “a conquista do espaço feminino acontecerá à medida que a mulher

assume o seu discurso e, conseqüentemente, realize uma arte e uma crítica centradas nas figuras femininas, de modo que ela adquira visibilidade e voz, subvertendo o silêncio milenar a que sempre foi submetida” (ZINANI, 2013, p. 26).

Ocorre assim, a passagem do discurso silenciado para o discurso visível, dando ênfase à voz representativa do gênero feminino, sendo capaz de atingir os seus leitores, viabilizando, neles, o entendimento dos sentidos latentes do discurso. Nesse contexto, a escrita literária produzida por mulheres, jovens damas ou mulheres casadas, como no caso da autora em análise, era exercida no âmbito do cotidiano, em diários poéticos, cartas, dedicatórias e narrativas escritas e compartilhadas com amigas. O fato é que a escrita feminina sempre foi praticada, no entanto, a divulgação e a publicação raramente ocorriam.

Não obstante, por esse motivo, Holanda (*op. cit.*, p. 49) destaca a importância de se instaurar uma crítica feminina centrada na produção intelectual da mulher. Para ela, o espaço feminino “deve ser o lugar de uma crítica, uma teoria e uma arte genuinamente centradas na mulher, cujo projeto comum seja trazer o peso simbólico da consciência feminina para o ser, tornar visível o invisível, fazer o silêncio falar”.

2.3.O PIONEIRISMO DE LUIZA AMÉLIA DE QUEIROZ NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PIAUIENSE

Luiza Amélia de Queiroz, laureada como a princesa da poesia romântica no Piauí, foi pioneira ao ter conquistado um importante espaço na atuação feminina no que diz respeito aos domínios relacionados à escrita e à publicação em periódicos em meados do século XIX, na província do Piauí. Natural de Piracuruca, nascida em 26 de dezembro de 1838, foi uma das notáveis do seu gênero na produção literária, ocupou a cadeira 28 na Academia Piauiense de Letras (APL), além de ser patrona da cadeira 24 da Academia Paraibana de Letras (APAL)¹. A autora de *Flores incultas* (1875) também publicou *Georgiana ou os efeitos do amor* (1893), além das suas poesias avulsas publicadas em jornais ou periódicos que juntas somam um grosso volume.

Ao ter problematizado a relação histórico-cultural desfavorável entre os gêneros, Queiroz registra uma crítica contundente ao enfatizar na sua produção poética que caso as mulheres tivessem as mesmas condições de produção que os homens, poderiam alcançar espaços intelectuais de prestígio. Nesse ínterim, a poetisa abriu um caminho sem precedentes à

¹ CORREIA, 2017, p. 20

publicação no Estado do Piauí, além da publicação dos livros supracitados, ela também participou significativamente da imprensa, suas composições poéticas aparecem esboçadas em jornais como o *Eco das Damas* (1879-1888), cujo propósito era fornecer uma discussão social em torno da defesa da educação feminina, além disso publicou poemas em um jornal de Parnaíba, intitulado como *Nortista* (1901).

É importante frisar que esses jornais surgiram em meio a um período de ebulição social, arraigados de ideias abolicionistas e liberais consolidadas pela modernidade da nação através dos seus intelectuais. Esses periódicos, além de permitirem a difusão de ideias democráticas, possibilitam a expressão feminina na escrita. Segundo Correia (2017, p. 24), esses periódicos “eram tidos como democráticos e liberais, seguimento que ganhava força e representatividade na época devido a ebulição referente às mudanças que ocorreram no século XIX, onde foi vivenciado um extenso período de evolução para o país”.

Estes jornais favoreciam um espaço de debate ao público feminino, lugar onde elas poderiam divulgar as suas ideias, seus saberes e fazeres literários, essa prática discursiva possibilitou o posicionamento de muitas autoras. Diante disso, pode-se mencionar periódicos cujo editorial era coordenado por mulheres, haja vista que o objetivo era a divulgação de manuscritos femininos, como “Jornal das Senhoras”, fonte encontrada na Hemeroteca Digital Brasileira², que esteve em circulação no Rio de Janeiro entre 1852-1858.

Outro jornal foi o *Borboleta*, cujo editorial era majoritariamente feminino, tendo a sua gênese em meados do século XIX na capital do Piauí, ficando em circulação entre 1904-1907. O projeto deste jornal era disseminar ideias de liberdade de expressão para as mulheres, além de possibilitar a participação delas na cultura letrada. Queiroz também publicou no Jornal teresinense *Telefone* (1883-1889), além de ter dado a sua contribuição em periódicos internacionais como o *Almanaque Luso Brasileiro*, em Coimbra, Lisboa, tendo circulado entre os anos de 1851-1932³. Foram nesses e noutros periódicos que o nome de Luíza Amélia de Queiroz foi citado entre uma das ilustres intelectuais a divulgar sua produção poética.

As obras da poetisa alcançaram um certo prestígio no meio intelectual, sendo avaliadas criticamente por renomados escritores e jornalistas da época como Dias Carneiro, Herculano de Moraes e Clodoaldo de Freitas. Freitas, em seu livro *Vultos Piauienses: Apontamentos Bibliográficos*, elogia a escritora pela sua genialidade e audácia, considerado o seu poeitar expressivo, mas ao mesmo tempo tece uma crítica misógina às mulheres como aquelas

² Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096> Acesso em: 25 set. 2021.

³SILVA, 2015, p. 43

entregues às prendas e aos fetichismos da feminilidade, destituídas do intelectualismo e, portanto, incapazes de produzir um manuscrito qualquer, para Freitas (2012, p. 91):

É raro, entre nós, vermos um nome feminino subscrevendo um livro qualquer. A mulher Piauiense ainda vive entregue ao fetichismo romano, segregado do movimento augusto, que impede todas as inteligências em busca da ciência e da verdade. A primeira Piauiense, porém, que se desviou da vulgaridade do seu sexo, exibindo um suculento atestado da sua proeminência intelectual foi a ilustre senhora que motiva este desprezioso estudo.

Conforme as concepções de Freitas (*Ibidem* p. 95), “as *flores incultas* não são criações seladas pela originalidade nem encerram beleza própria dos grandes artistas imortais”, para ele, Queiroz não teria produzido uma obra consagrada pela originalidade, seria o mero expressionismo e espontaneidade da sua alma em êxtase. Não obstante, a escrita poética para Luiza Amélia de Queiroz significava a escrita subjetiva dos seus anseios mais íntimos. Nessa perspectiva, o seu livro de estreia tem a dimensão de um diário poético, contando com uma compilação de 112 poemas com temáticas variadas, marcado por sentimentalismos romanescos, religiosidade, patriotismo, bucolismo e dedicatória a familiares e amigos, perpassando épocas da sua vida, desde a infância até os seus últimos suspiros.

No tocante à produção intelectual no século XIX, vale salientar que a escrita de Queiroz representou uma contribuição enriquecedora à cultura literária piauiense produzida pelo gênero feminino, haja vista que a maioria dos escritores registrados no mundo das letras era homens, por isso Amélia de Queiroz inscreveu-se na história da literatura piauiense como a primeira mulher a produzir poesias na província, ganhado destaque no cenário da literatura nacional.

Em relação ao cânone da literatura nacional em posição à literatura da província piauiense, um debate tem surgido em torno do desafio desta literatura de expressão Piauiense que se torna parte da literatura Brasileira, ao mesmo tempo em que ele se legitima como uma literatura própria do Estado, realizada por autores que pertenceram ao solo piauiense, contribuindo para legitimar a construção de uma identidade cultural própria do Estado. Nesse sentido, Candeira Filho (1993, p. 17) argumenta que “a literatura que melhor representa uma região ou um povo é a que se inspira naquilo que vivem ou viveram os seus escritores”.

Nessa perspectiva, existem particularidades em cada Estado, bem como na linguagem empregada na produção literária de cada autor, são as suas vivências e regionalidades que definem genuinamente a expressão de sua escrita, pois sua origem e suas influências são capazes de retratar a construção da identidade cultural e social.

Outrossim, a literatura se constrói através do meio em que o indivíduo produtor de um discurso literário está inserido, são elementos como espaço, contexto histórico, os ideais políticos nos quais o autor se alicerça que são responsáveis pelo direcionamento do discurso. Conforme *A visão histórica sobre a literatura piauiense*, do autor Silva Filho (1997, p. 13), “uma literatura se constrói sobre os valores da sociedade do seu tempo. O modelo literário da sua época reproduz o comportamento social, reavalia o passado, age sobre as bases em que se alicerça o sistema político, retrata a fisionomia cultural”.

Diante disso, Luiza Amélia de Queiroz construiu o seu discurso poético sobre as bases da sociedade e dos valores do seu tempo, indo contra os pressupostos morais patriarcalistas e respaldando-se nos ideais de liberdade de expressão, manifestação literária feminina e instrução do seu gênero; sua obra foi primordial à literatura de expressão piauiense produzida pelo público feminino.

Sobre a vida e obra da autora de *Flores incultas*, ela foi uma mulher instruída de classe média alta, “não teve filhos e casou-se duas vezes, a primeira em 1859 com Pedro José Nunes, a segunda com o comerciante Benedito Rodrigues Medeiros Brandão, em 1888” (FREITAS, 2012, p. 92). A ilustre poetisa teve a sua prática literária consolidada no espaço doméstico, ela nasceu e cresceu no gineceu do lar mulher com todo o conforto proporcionado pela abastança. Segundo Freitas (2012, p. 93) “a morte acolheu-a em 12 de novembro de 1898”, no entanto deixou o seu legado no mundo das letras manifesto em um lirismo encantador e revolucionário.

3 DISCURSO, IDENTIDADE E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O propósito deste capítulo é fazer uma discussão em torno da origem e dos fundamentos teóricos que norteiam a Análise do Discurso materialista. A discussão é fundamentada nos pressupostos do precursor francês Pêcheux (1995), Orlandi (2005), Malidier (2003) entre outros, visto que é importante averiguar as condições de produção do discurso da autora em análise, sob uma perspectiva de interpelação histórica e ideológica do sujeito discursivo, atravessado pela formação discursiva, já que levamos em consideração que os sujeitos na perspectiva da discursividade são construídos dentro de um dado contexto sócio-histórico, ou seja, coexistindo as condições de produção que norteiam o autor à elaboração de determinado discurso.

Pretende-se averiguar, também, o conceito de identidade construído pelo sujeito na esfera do discurso, equiparando-se através dos estudos culturais na perspectiva teórica de Hall (2006) e Woodward *et al.* (2014) entre outros, visto que esses autores concebem a identidade à

luz da transformação substancial e constante, sob um prisma multifacetado, sendo ela heterogênea e fragmentada, nesse sentido a identidade não é fixa, mas sim transitória com a capacidade de atribuir significados conforme a esfera social ocupada pelo sujeito.

Mediante isso, adentramos no desenvolvimento dos estudos linguísticos que fizeram surgir os mecanismos científicos da Análise do Discurso enquanto ciência autônoma. Conforme se verifica, o ponto de partida para o estudo científico da linguagem surgiu no advento estruturalista, principiando por Ferdinand de Saussure; o mestre Genebrino discorre que a língua é um sistema articulado onde o signo linguístico atua, coexistindo tendências dicotômicas. O desenvolvimento do pensamento estruturalista foi o ponto de partida para o surgimento da linguística moderna no século XX, segundo Martelotta *et al* (2012, p. 114):

O desenvolvimento da linguística estrutural representa um dos acontecimentos mais significativos do pensamento científico do século XX. Não poderíamos compreender os incontáveis progressos verificados no quadro das ciências humanas sem compreendermos a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir das investigações do fenômeno da linguagem. Toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição pioneira de Ferdinand de Saussure relacionado à organização estrutural da linguagem.

Por meio da linguística estrutural com as contribuições pioneiras de Saussure, outras correntes e outros pensadores começaram a surgir no âmbito mundial, temos então o Gerativismo Norte Americano preconizado por Noam Chomsky, o funcionalismo alinhando linguagem e sociedade e também o surgimento da disciplina de Análise de discurso na França.

Ancorados nesses pressupostos teóricos, estudiosos como Pêcheux começaram a se interessar por outra vertente dos estudos linguísticos, não mais como um sistema de regras formais focado na estrutura da frase, mas dando ênfase ao discurso produzido socialmente, isto é, a língua em uso produzindo sentidos, atribuindo valor ao simbólico. Nesse sentido, Orlandi (2005, p. 15-16) discorre que “a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas”, diante disso, a linguagem é concebida em termos práticos, para além da análise da frase, o discurso agora é objeto próprio deste estudo. Tem-se, então, o homem falando e produzindo sentidos por meio do seu dizer, acentuado como uma prática do trabalho com a linguagem em movimento.

É importante frisar que a proposta de AD surgiu na França no final da década de 60 pela iniciativa de Michel Pêcheux. Nessa conjuntura, o projeto do referido autor emergiu “sob o

signo da articulação entre a língua, o materialismo histórico e a psicanálise” (MALDIDIER, 2003, p. 16), trabalhando na confluência desses campos de conhecimentos, discutindo a materialidade histórica e linguística do discurso onde o objeto simbólico é investido de significância para os sujeitos.

A AD constitui-se como uma disciplina que compreende os sujeitos e os sentidos dentro de um dispositivo teórico de análise, visto sob esse prisma da articulação entre essas três regiões do conhecimento supracitados, a AD acaba rompendo com as noções desses campos disciplinares e produzindo um novo objeto para esse recorte teórico. Logo, esse campo de estudo enfatiza que os falantes produzem sentido dentro do discurso, de maneira não-transparente, bem como destaca as transformações sociais do campo ideológico onde o materialismo histórico funciona, já na perspectiva psicanalítica, o discurso está ligado ao inconsciente do sujeito e o modo como o ele é afetado pelo “real da língua e real da história” (ORLANDI, Op. Cit. p. 20).

A Análise de Discurso surge, então, na confluência das instâncias mencionadas, colocando-os em uma relação conjunta de interpelação e produção de sentidos, além disso, essa área se vale desses três campos do saber, são eles: “a linguística, a psicanálise e o marxismo”, refletindo sobre as consequências dessa conjuntura, essas tendências colocam no cerne da discussão a materialidade da linguagem. Para tanto, Orlandi (2006, p.13), no seu texto *Discurso e textualidade*, enfatiza o entrelace desses campos do saber em AD:

Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; ela tem a sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem a sua materialidade: O homem faz a história, mas ela não é transparente. Finalmente com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo a sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade de não transparência que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos do saber.

A AD considera, diante dos campos de conhecimento mencionados, Linguística, Marxismo e Psicanálise, que a língua não é transparente; se por um lado sua materialidade é própria e significativa, por outro, ela apresenta-se opaca nas suas diferentes formas e materialidades. Nesse contexto, a noção do surgimento do objeto de estudo da AD, o discurso, emerge a partir de uma investigação realizada por Michel Pêcheux na França em meados do século XX.

O fator decisivo para a inauguração da AD como ciência foi a publicação da *Análise Automática do discurso* (1969) por Pêcheux, postulando uma teoria sobre a imanência do

discurso enquanto dispositivo de análise. Para ele, configurava-se a necessidade de abrir um espaço de discussão no campo das ciências sociais, em especial na psicologia social, tão atenuada conceitualmente na conjuntura da época, fornecendo um instrumento científico às ciências sociais. Para o autor, existiam duas condições fundamentais de como o objeto é pensado, uma delas diz respeito a maneira como as ciências devem estabelecer o seu objeto, ao passo que a segunda preconiza “a reprodução metódica” do objeto.

1. Toda ciência, escreve Herbert-Pêcheux, é produzida por uma mutação conceitual num campo ideológico em relação ao qual esta ciência produz uma ruptura através de um movimento que tanto lhe permite o conhecimento dos trâmites anteriores quanto lhe garante a sua própria cientificidade. Ele acrescenta que, num certo sentido, toda ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia com a qual rompe. Logo, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma construção. Além do mais, tal objeto não pode se destacar, através do jogo de um questionamento aleatório, da natureza que progressivamente o delimitaria tornando visíveis suas características.

2. Em cada ciência, dois momentos devem ser distinguidos. Primeiramente, o momento da transformação produtora do seu objeto, que é dominado por um trabalho de elaboração teórico-conceitual que subverte o discurso ideológico com que esta ciência rompe. Em segundo, o momento da "reprodução metódica" deste objeto, o qual de natureza conceitual e experimental. (GADET; HAK, 1997, p. 16).

Essas duas fases colocam em prática o discurso como objeto de natureza conceitual, possibilitando a cientificidade do discurso e a sua relação com o ideológico, mecanismo no qual o inconsciente e a língua se articulam. A atividade científica é uma prática tendo como instrumento a releitura de outras áreas epistemológicas, por sua vez Pêcheux retoma o materialismo histórico discutido por Althusser, da maneira como ele “havia renovado a partir da sua releitura de Marx” (*Ibidem*, p. 14).

Podemos dizer que ocorre uma cadeia dialógica e, com isso, reflexos de outros discursos são sentidos na produção desses filósofos da linguagem. Ancorados nisso, Gadet e Hak (1997, p. 14) argumentam que “O método de Althusser com certeza influenciou Pêcheux. Podemos dizer que uma das coisas que Pêcheux tinha em mente quando começou a trabalhar com a análise e a teoria do discurso era construir uma teoria e uma sistematização deste método”. Pêcheux visava adotar uma nova unidade de análise para o discurso dentro dos estudos linguísticos de maneira que, ao construir uma teoria, ela, necessariamente, deveria ser sistematizada e metódica.

Pêcheux também publicou *Semântica e Discurso* (1975), além de outras obras e artigos que procurou dar a conhecer a importância epistemológica da análise da discursividade

enquanto ciência social. Na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1995), Pêcheux tematiza o histórico, o social e o ideológico materializado no discurso, bem como as relações de condições de produção de um discurso, já que “o sentido de uma palavra, proposição e expressão, não existe em si mesmo, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico e ideológico no qual são produzidas (reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

O lugar que o discurso é produzido determina as posições ideológicas e os sentidos das palavras e expressões em dada situação comunicativa. Por meio do discurso, podemos realizar uma análise interna e externa ao sistema linguístico. Tanto os elementos extralinguísticos quanto os elementos dispostos dentro da conjuntura de um discurso em análise são primordiais para a realização da prática da discursividade, além disso, o discurso é a instância onde ocorre a produção de sentidos e ele se materializa sob a ação direta das condições de produção do sujeito enunciador, tanto na perspectiva histórica, ideológica e linguística das relações sociais.

No que se refere às Condições de Produção, Ferreira e Cristiana (2020, p. 50), afirmam que elas “representam uma exterioridade que sustenta o dizer, de forma que as relações de sentido vão sendo construídas a cada tomada da palavra”. O sujeito, ao tomar a palavra e posicionar-se por meio dela, é capaz de preconizar, no funcionamento da linguagem, as relações de força do seu dizer, pois cada vez que ele muda de posição é capaz de mudar também o sentido do seu dizer.

Nessa perspectiva, as palavras, expressões e proposições mudam de sentido conforme a posição que o sujeito ocupa, isto é, o seu lugar social, adquirindo sentidos em consonância com as circunstâncias de produção. Conforme Malidier (2003, p. 23), “as condições de produção designavam a concepção central do discurso determinado por um ‘exterior’, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico social que o constitui”, esse tecido é capaz de inscrever o sujeito em uma formação ideológica dada, a partir de conjuntura em que a Formação Discursiva atua.

A Formação Discursiva é uma noção fundamental determinada pela maneira como linguagem e ideologia se articulam em dada FD, vale ressaltar que as palavras adquirem sentido por meio da sua relação dentro do discurso, elas dialogam com outras palavras constituindo assim a conjuntura social e histórica que interpela os sujeitos e o seus discursos que se inscrevem em uma dada FD. Nessa linha de raciocínio, Orlandi (2004, p. 43) dialoga:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não

outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam os seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam o discurso das formações ideológicas. Desse modo, os sentidos são definidos ideologicamente. Não há sentido que não seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outro traço ideológico. Isso não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.

O nosso dizer constitui-se no espaço em que a ideologia se manifesta, por natureza o discurso é ideológico, os seus efeitos de sentido se materializam através da linguagem. Diante disso, a FD deve ser estabelecida como instância do interdiscurso, isto é, articulação do discurso em relação ao já-dito, ou seja, o pré-existente. Essencialmente, para Orlandi (2006, p. 15) “o próprio da formação discursiva é dissimular na transparência do sentido, a objetividade material contraditória reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar, independentemente”, fornecendo ao sujeito subsídios do que anteriormente foi enunciado, projetando na linguagem a relação de um dizer com outros dizeres.

No eixo do discurso atuam o interdiscurso e a FD que são instâncias intrinsecamente relacionadas às condições de produção de um dado discurso, que também é instância da memória discursiva, essa última relaciona-se com a imagem que o sujeito constrói em uma dada formação imaginária, segundo os pressupostos de Orlandi (*Ibidem*) “a formação imaginária que presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz do seu interlocutor, a imagem que ele faz do seu objeto de discurso”. A relação com o material simbólico ocorre à medida que o sujeito estabelece uma imagem de si mesmo e do outro, já que os sentidos não existem em si mesmos, mas por meio do processo de significação.

A memória discursiva é afetada pelo esquecimento, o esquecimento para a AD atua em dois níveis, o número dois, chamado de enunciativo e o número um, chamado de ideológico. O campo de atuação do discurso, lugar e que ocorre o esquecimento número um, é determinado pelas escolhas que fazemos ao nível deste discurso, ou seja, ao falar de uma maneira e não de outra, ao realizar determinado procedimento de uma maneira e não de outra, neste nível está o esquecimento número um “ o semiconsciente, [...] aquele que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 35), relacionando-se com tudo aquilo o sujeito pensa ter dito, mas, necessariamente, não disse ou fez de outra maneira.

O outro esquecimento, o número dois, enfatiza a forma como somos afetados pela ideologia, ele acontece quando acessamos na memória os conhecimentos armazenados inconscientemente, ou seja, aquilo que um dia realizamos ou tivemos a impressão de termos

realizado, conforme Orlandi (2005, p. 35) “Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”.

A memória constitui-se a partir de sentidos pré-existentes estabelecidos na incompletude, preenchidos pelo imaginário na relação com o simbólico, são sentidos construídos pela ausência, ou seja, o implícito atuando no jogo discursivo. A memória discursiva deve ser entendida como um elemento móvel e inconsciente, uma vez que o sujeito é constituído pelo esquecimento que o determina nos dois níveis discutidos, enunciativo e ideológico.

Os efeitos de memória discursiva acontecem por meio de “formulações de referência” (BRANDÃO, 2004, p. 42) ligadas às ocorrências enunciativas, realizadas pelos sujeitos em uma sequência discursiva, essas sequências são determinantes para sua construção, pois ao mesmo tempo que um determinado discurso estabelece uma memória discursiva, também impõe o esquecimento, estabelecendo um entrelace, mas também ruptura, já que essa memória carrega sentidos implícitos, conforme os pressupostos de Brandão (*ibidem* p. 99):

[...] os efeitos de memória que a enunciação de uma sequência discursiva de referência determinada produz em um processo discursivo. Esses efeitos de memória tanto podem ser de lembrança, de redefinição, de transformação quanto de esquecimento, de ruptura, de denegação do já-dito.

É importante ressaltar que produzimos sentidos cada vez que lembramos e colocamos em aberto uma determinada memória, nessa ordem conceitual, para Orlandi (2007b, p. 68), “a interpretação se faz, assim, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso). Se no âmbito da primeira repetição congela, no da segunda a repetição é a possibilidade mesma do sentido vir a ser outro, em que presença e ausência trabalham”.

Na perspectiva da presença e da ausência, temos a possibilidade de conceber o silêncio como uma maneira de estabelecer uma questão discursiva em que interpretação e sentido estão interligados. Ademais, para Orlandi (2007a, p. 11) “o silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível da significação”. Diante disso, é possível estabelecer do ponto de vista da significação que o discurso é atravessado pelo silenciamento; Orlandi (2007 b, p. 47) em sua obra: *As formas do silêncio: No movimento dos sentidos*, atesta o seguinte pressuposto “a materialidade do sentido não é indiferente aos processo de significação e seus efeitos, o silêncio significa de modo contínuo, absoluto”, pairando sobre a possibilidade do movimento do silêncio, significa continuamente na sua completude e incompletude.

3.1 O DISCURSO E A SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Brandão (2004, p. 91) aponta que “um discurso nunca seria autônomo, ele se remete sempre a outro discurso, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de troca, mas jamais enquanto identidade fechada”. Segundo essa linha de raciocínio, o discurso é heterogêneo por natureza, formado a partir do movimento de troca entre interlocutores situados histórica e socialmente. Da mesma maneira é a construção da identidade social do sujeito discursivo, apresentando-se como um elemento multifacetado, móvel e transitório.

A identidade é construída por um sujeito à medida que ele, deliberadamente, passa a integrar um espaço, produzindo, assim, um discurso com suas concepções e valores subjetivos. Nessa perspectiva, trabalhamos o conceito de identidade construído sob um viés cultural socialmente estabelecido, visto não só como um processo contínuo e relacional entre interlocutores, mas também como um elemento multifacetado. Nas concepções dos estudos culturais, a identidade não é um elemento fixo ou neutro, como argumenta Woodward *et al.* (2014, p. 96):

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica e transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação um ato performativo. A identidade é instável contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas.

Na teoria social, a identidade cultural deve ser compreendida como um elemento mutável e instável, essencialmente como um ponto de encontro entre o discurso e suas práticas de significação, relacionando-se entre o eu subjetivo e a sociedade que o rodeia. Segundo as concepções de Hall (2006, p. 11-12), “projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”.

O conceito de identidade é complexo e transitório, visto sob um prisma de construção realizada pelos sujeitos, a identidade é, assim, uma *celebração móvel* definida historicamente pelas relações sociais possíveis entre o sujeito e o meio no qual ele está inserido. Na discussão sobre a identidade, Hall (Ibidem, p. 13) coloca o seguinte: “a identidade torna-se uma

“celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

A interpelação do indivíduo ocorre, segundo a ótica da AD, pela história, atravessado pela ideologia para que o dizer seja produzido e reproduzido socialmente. À medida em que isso ocorre, os sentidos também são atribuídos culturalmente em consonância com a identidade. Conforme Castells (2018, p. 54-56),

Entende-se por identidade a fonte de significação e experiência de um povo. Identidades por sua vez constituem-se como a fonte de significado para os próprios atores, por eles organizados, e construídos por meio de um processo de individualização [...] Entende-se por identidade o processo de construção em significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter relacionados, o(s) qual (is) prevalece(m) sobre outra fonte de significado.

O processo de construção de significados é imbricado com a formação da identidade, na relação com a história, a sociedade e a subjetividade; à medida que os sujeitos se constroem pela linguagem, pressupõe-se que processos identitários vão se moldando na relação com o imaginário do sujeito, aponta Coracini (200-, p. 61): “múltiplas identificações imaginárias ou simbólicas, com traços de outros que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade”.

A identidade é marcada pelo simbólico, ela é um sistema de representação que vai da interação subjetiva à interação social. A partir da perspectiva de Zinane (2013, p. 58), “como produto de interação, a identidade se organiza através de um sistema de representações, daí a sua relação com o simbólico, pois tal como a realidade, a identidade é uma construção simbólica”. Diante disso, somos produto de uma realidade onde atuam estruturas sociais, podemos inferir que elas são subsidiadas pelos papéis desempenhados pelos sujeitos nas suas ações concretas e em seu inconsciente, isto é, por meio do imaginário.

Podemos, então, conceber a identidade sob o viés do imaginário e do inconsciente do sujeito, como elemento essencial na manutenção da memória discursiva, onde a imagem é projetada em diferentes posições conforme as formações imaginárias. Para Orlandi (2005, p. 40), “em toda língua há regras de projeção (empírica) para a posição (discursiva). O que significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito)”. Essas projeções refletem-se nas circunstâncias da enunciação do sujeito, disponibilizando dizeres e ultrapassando a projeção empírica, pousando, assim, na esfera discursiva.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de a identidade não ser algo inato, mas sim fruto de um processo de construção, resultante de uma relação de forças conectadas a uma relação de poder. Tem-se o sistema de representação no eixo dos estudos culturais, onde a identidade e a diferença atuam. Diante disso, segundo os pressupostos de Woodward *et al.* (2014, p. 91), “é por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.

A construção da identidade e representação são práticas sociais investidas de significância e relações de poder. À medida que são praticadas, configuram-se como o lugar no qual os sujeitos posicionam-se, moldadas pelas experiências do sujeito, delineadas culturalmente. Ainda de acordo com Woodward *et al.* (2020, p. 19), “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”, ao englobar diversas abordagens que corroboram para que o sujeito construa a sua identidade.

A imersão do sujeito no fazer social faz com que este passe por um processo de (re)construção, já que a identidade não é inata, pelo contrário, ela é representada através da interação do sujeito com o meio social. Perante isso, depreendemos a análise discursiva da vida e obra da poetisa Piauiense, Luiza Amélia de Queiroz, mas ao fazermos isso, devemos dar ênfase às condições de produção que nortearam o seu fazer poético, que são predileções somadas a fatores externos e internos ao sujeito; externo, porque cada sociedade atua sobre as vivências dos sujeitos e interna porque a realização de cada discurso passa pelo crivo da subjetividade.

Tem-se, então, a representação da mulher na sociedade por meio da produção discursiva literária realizada em sua subjetividade, situada em uma posição social na qual se circunscreve. Sobre isso, Zinane (2013, p. 55) argumenta que:

[...] a constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implicam transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados.

Nesta acepção, a identidade, ao organizar-se nas práticas sociais discursivas, deixa em aberto a possibilidade de modificar e transformar os papéis sociais desempenhados pelo sujeito feminino em ação, pois a incompletude atua sobre este indivíduo.

Não é possível estabelecer um produto pronto e acabado quando se trata de identidades, a elaboração deste conceito se dá pelo movimento constante do sujeito no eixo discursivo e

histórico, bem como as filiações ideológicas adotadas por ele. O sujeito é multifacetado e a sua construção identitária pode entrar em conflito; em dado momento histórico, podendo ocorrer até mesmo uma mudança de paradigmas.

A mudança de paradigma cultural e social, a priori, estabelece que a formação identitária do gênero feminino, no processo de emancipação, tem se mostrado, substancialmente, uma nova maneira de pensar e agir. Assim como a identidade, o gênero feminino é consolidado através da história e da sociedade, haja vista que devemos concebê-lo na sua incompletude. Nessa perspectiva, a ideia de que exista neutralidade no discurso é uma mera fantasia, dessa forma podemos entender que a identidade construída pelo sujeito feminino não é unificada. Sobre esse aspecto, Hall (2006, p. 13) argumenta que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”.

3.2 PERCURSO METODOLÓGICO EM ANÁLISE DO DISCURSO

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e de natureza qualitativo-interpretativo no campo da Análise do Discurso materialista. Para a realização dessa pesquisa, lançamos mão do dispositivo de análise depreendido por Orlandi (2005), uma vez que o analista do discurso trabalha nos limites da interpretação, buscando examinar a estrutura profunda dos discursos produzidos, descrevendo e interpretando as posições que o sujeito ocupa, os ditos e os não ditos, bem como as condições de produção de sentidos materializados no discurso.

Nesse íterim, os procedimentos de análise depreendido metodologicamente pelo analista do discurso são dispostos em três etapas, segundo Orlandi (Ibidem, p. 77) “1º etapa: passagem da superfície linguística texto para o discurso; 2º etapa: passagem do objeto discursivo para a formação discursiva; 3º etapa: processo discursivo (formação ideológica)”. Nessas etapas, o analista procura a discursividade no texto analisado para que o processo de significação seja efetivado, por meio do jogo de produção de sentidos, tanto pela formação discursiva quanto pela formação ideológica.

Além disso, é importante destacar que essa linha de pesquisa não possui uma metodologia pronta e acabada, pois o objeto de estudo é inesgotável, possibilitando, assim, uma multiplicidade de interpretações para o mesmo discurso, pois uma análise não é igual a outras. Em AD, busca-se a produção de sentidos mediante o material teórico e sua relação com o simbólico, adotando métodos e mobilizando conceitos. Segundo Orlandi (2005, p. 26) “não há

chave de interpretação, há método, há construção do dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que constituem o que é analisado".

O analista se vale dos gestos de interpretação para delinear seu objeto teórico. Para isso adentramos no contexto sócio-histórico em que o discurso foi produzido, compreendendo as condições de produção (CP), a incompletude e a opacidade do discurso. Nesse contexto, foi necessário averiguar as condições da mulher escritora no século XIX, bem como os meios de divulgação literários e jornalísticos dos textos produzidos na época e a situação educacional feminina. Averiguamos, também, a posição-sujeito da autora, desde a posição social à posição discursiva, manifestada a partir das sequências discursivas submetidas à análise. Para Courtine (2009, p. 55), define-se essas sequências como "sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase".

Nessa perspectiva, os procedimentos adotados para esse dispositivo passam pela delimitação do *corpus*, que tem como objeto a obra *Flores incultas* (1875), da autora piauiense, oitocentista, Luiza Amélia de Queiroz. Neste livro, coletamos os dados necessários para proceder à análise linguística no campo de estudos da AD. Elegeu-se quatro poemas, a fim de delimitar o objeto de pesquisa, são eles: "A mulher", "Não sou poeta", "Conselhos" e "Lira dormente", com o propósito de analisar o eu-lírico que expressa ideias de emancipação feminina frente a valores culturais em uma sociedade norteada por valores patriarcalistas. Mediante as temáticas enfatizadas nos poemas, daremos enfoque à expressão poética de Queiroz, que revela o pleno desejo de que as mulheres recebam instrução escolar e tenham autonomia por meio do ofício da escrita literária.

Pretende-se, também, averiguar a construção da identidade no discurso poético da autora supracitada através dos papéis sociais que ela desempenhou no século em que viveu, isto é, no século XIX, assim como a posição que ocupou. Essa relação entre a identidade, sujeito e o discurso estão entrelaçadas e, para isso, nessa pesquisa, voltamo-nos para a perspectiva dos estudos culturais enfatizados por Hall (2006) e Woodward *et al* (2014), tendo como centralidade a construção social, cultural e histórica do sujeito ao produzir um discurso.

4 ANÁLISE DO *CORPUS* NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA.

Nesta seção, iremos depreender a análise do *corpus* por meio do discurso poético produzido pela autora Piauiense, Luiza Amélia de Queiroz. Para isso, fizemos uso do dispositivo teórico de análise preconizado por Orlandi (2005), as sequências discursivas

preconizadas por Courtine (2009) e as condições de produção de um discurso proposto por Michel Pêcheux (1995), além disso, trataremos, dentro desta análise, a representação feminina na literatura de expressão Piauiense, assim como a construção da identidade do sujeito discursivo por meio dos estudos culturais, proposto por Hall (2006) e Woodward *et al.* (2020).

Sobre a estruturação do *corpus* em AD, enfatiza Courtine (2009, p. 54), “definimos um *corpus* discursivo como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso”, diante disso, as CP de um determinado discurso são necessárias para que no campo discursivo o objeto de estudo possa entrar em análise, respaldando-se na produção de sentidos.

O foco da AD é a produção de sentidos materializada no discurso vista por meio de processos históricos e sociais integrados ao sujeito, a partir da posição ocupada por ele. Nessa perspectiva, a análise do *corpus*, mediante a visão do analista, implica a leitura, descrição dos dados da pesquisa e interpretação dos discursos, e a partir da interpretação produzimos novos sentidos.

Essa produção de sentidos incide na responsabilidade do analista em estabelecer um dispositivo teórico de interpretação, trabalhando com o não dito, ou seja, o esquecido e silenciado na superfície do discurso em análise, acolhendo, também, a opacidade da linguagem, bem como a construção do sujeito discursivo determinado por três eixos, a saber, a ideologia, a história e o inconsciente. Para Orlandi (2005, p. 59), “a análise do discurso não procura sentidos ‘verdadeiros’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente”.

Tem-se, então, a língua funcionando ideologicamente à medida em que os sujeitos são intercambiáveis no processo de produção de sentidos e na materialidade linguística discursiva. Nesse sentido, depreendemos a seguir uma análise dos poemas escritos por Queiroz, onde não se pretende buscar os sentidos “verdadeiros”, mas construir sentidos por meio dos gestos de interpretação mobilizados pela escritora.

4.1 DISCUSSÃO TEÓRICA EM TORNO DOS POEMAS A MULHER, NÃO SOU POETA, CONSELHOS E LIRA DORMENTE

No poema “A Mulher”, a autora revela toda a sua insatisfação pelo fato de as mulheres não terem espaço na prática literária, mas isso acontece de uma forma implícita no jogo das palavras. Esse poema concretiza uma denúncia social sobre a condição da mulher escritora,

como podemos evidenciar a seguir:

A mulher que toma a pena
 Para lira a transformar,
 É, para os falsos sectários,
 Um crime que os faz pasmar!
 Transgride as leis da virtude
 A mulher deve ser rude
 Ignara por condição!
 Não deve aspirar a glória!
 Nem um dia na história
 Fulgurar com distinção!

Mas eu que sinto no peito,
 Dilatar-me o coração,
 Bebendo as auras da vida,
 Na sublime inspiração;
 Eu que tenho uma alma grande,
 Uma alma audaz que s'expande
 No espaço a voejar.
 Não posso curvar a fronte
 Nesse estreito horizonte
 E na inércia ficar!

Não posso! Gritem sofistas
 Digam tudo o que quiser!
 chamem tênue, duvidosa
 A virtude da mulher
 De fantasia arrojada;
 Que minh'alma extasiada
 Nas harmonias do céu,
 Ficará indiferente,
 Ao que a malícia invente
 P'ra manchar o brilho seu

Porque hei de calar n'alma
 Os meus êxtases de amor,
 Eu que adoro a natureza,
 Feitura do criador?
 Eu que vejo tantas flores,
 Tantos e tantos primores
 Por esses mundos d'além?
 Eu vejo o rei dos astros
 Descer e beijar de rastros
 O que eu adoro também?

Eu que tive a felicidade
 De ter por pátria o Brasil,
 Esta terra inspiradora
 Em poesia, fértil!
 Eu que tenho por dossel
 Esse céu qu'a um Rafael
 Poderá ainda inspirar!
 Eu que vejo esses montes,
 Estes soberbos horizontes

E me arroubo ao contemplar.

Eu que escuto regatos,
 Arroios a murmurar,
 Com doçura comovente
 Com um brando soluçar;
 Eu que sinto esses doces giros
 Os suavíssimos suspiros,
 D'essas brasílicas flores,
 De perfumes perenais!

Eu que vejo sobre as praias
 Onda de prata a fluir,
 E voltar ao leito undoso
 Em melancólico carpir!
 E a lua gentil, as águas,
 D'esse infinito de fráguas
 De luz, de luz inundar
 Eu que vejo essas cenas
 Majestosas, quão serenas,
 E na lira não cantar!

Eu que vejo o mesmo inseto
 A débil vozinha erguer,
 E um cantozinho em sussurro
 Ao alto dia Of'ecer.
 E os belos passarinhos,
 Nos seus bens provindos ninhos,
 Eu gorjeio o saldar,
 Não posso, eu que tenh'um'alma,
 Da indiferença na calma
 Os meus cantos superar.

Ao formoso panorama
 Que nos of'rece o senhor,
 De manhã ao romper a'alva
 E a tarde ao sol se pôr,
 Tocando as orlas do acaso
 De franjas de ouro; eu me abraso
 De sublime inspiração,
 E sobre a lira me inclino
 E dirijo ao ser divino
 Fervorosa saudação.

Não são só as lindas cenas
 Que me inferem de d'impressão,
 Eu também me impressiono
 D'essa que hórridas são!
 Quando vejo a tempestade
 Toldar a serenidade
 D'este céu de um puro anil,
 Ígneos coriscos rolarem,
 No espaço a se cruzarem
 Com estampido febril!

Eu sinto um quê d'espontâneo,
 Que me faz curvar ao chão
 O joelho, e dos meus lábios
 Prorromper uma oração;
 A minh'alma recolhida
 N'um êxtase embevecida,
 N'altura adora a Deus,
 E depois como a tormenta,
 Que serenou, meiga e lenta
 Hinos leves ao céu.

Que dizeis, falsos sectários,
 Da minha revelação,
 Inda serei criminosa
 Por ter a lira na mão?
 S'ó for- Maria a virgem
 Nem por ser de santa origem
 No mundo intacta passou,
 O mesmo Deus encarnado
 Por mil labéus torturado
 Entre verdugos 'xpirou
 (6 de dezembro de 1868)

Queiroz foi uma mulher letrada e pertencente a uma classe social elevada no século XIX, o que a fez ter contato desde muito cedo com obras literárias; para ela, a poesia significava a escrita de si, dos seus anseios mais íntimos, do que afligia o seu âmago e principalmente do que impedia a sua lira de versejar. Sua atitude é transgressora ao fazer da poesia um instrumento de denúncia e reivindicação de direitos sobre a emancipação da mulher.

No poema em análise, há a problematização do lugar de produção poética reservado à mulher, pois aquelas que manifestaram o seu discurso eram consideradas desvirtuosas, como a autora coloca, “os falsos secretários” as condenavam por ter a lira na mão. Existia a forte presença de um discurso androcêntrico enraizado nas bases morais da sociedade do século XIX, onde a virtude da mulher estava eminentemente ligada à submissão aos deveres e responsabilidades do lar.

Podemos, então, observar a construção de um discurso em relação a outro já existente, ou seja, o interdiscurso, propiciado pela formação discursiva e sua eminente relação com a linguagem e a condição de produção, à medida que o ideário elaborado pela autora manifesta uma crítica ao discurso vigente, ela manifesta ideologicamente o seu dizer. Sobre isso Pêcheux (1995, p. 162) coloca:

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade

material essa reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar independentemente, isto é, sobre a dominação complexa das formações ideológicas.

A relação de que algo fala antes e em outro lugar, além do interdiscurso, esboça uma relação dialógica entre o dito antes e o discurso sintetizado no momento histórico que a autora viveu. Nesse aspecto, a escrita de Queiroz é carregada de sentidos materializados em seus enunciados, pois à proporção que ela discorre sobre os seus anseios, características da sociedade de sua época se fazem presentes.

Queiroz enuncia em seus versos que a mulher que resolve assumir a postura de escritora “**T**ransgride as leis da virtude”, pois o fazer poético era reservado ao público masculino, mas sua condição de mulher não a impediu de tomar a pena e poetizar. Para ela, ficar na inércia era deliberadamente se contentar com sua condição de mulher recatada, preocupada com os cuidados do lar e dos filhos.

Ao ter escapado desse viés feminino destinado às mulheres, ela se posiciona por meio da escrita e dá vazão às denúncias provenientes do restrito acesso das mulheres à instrução em sua época. Seus anseios expressos em sua poesia manifestavam o claro desejo de que as mulheres alcançassem prestígio social, assim como fossem reconhecidas pelos seus feitos.

A poetisa relata que sua alma é imensa e cada vez mais se expande, sua inspiração é proveniente do Criador e da sua terra querida, sua pátria, o Brasil, possibilitando-nos vislumbrar traços de religiosidade e patriotismo, além de um sujeito ativo socialmente que por meio do seu dizer manifesta o pleno desejo de emancipação, haja vista que sua poesia é um espaço de expressão onde a sua identidade subjetiva é construída.

A construção da identidade realizada por um sujeito feminino é mediada pelas relações sociais e culturais que este sujeito executa. Para Woodward *et al.* (2020, p. 97) “a identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreita conexão com relações de poder”. Nessa perspectiva, a construção da identidade está ligada à noção de sujeito, a posição que esse sujeito ocupa influencia a produção dos seus discursos, para Pêcheux (1995, p. 160), as palavras e expressões “adquirem sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”.

O lugar ocupado pelo sujeito diz muito sobre a sua produção, seja ela literária ou não, pois o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, ou seja, a posição-sujeito do indivíduo propicia o discurso produzido. Podemos evidenciar através da poesia produzida por Queiroz a passagem de um lugar social para um lugar discursivo, segundo Grigoletto (20--, p. 7) “o lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num

lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso”, diante disso, o lugar de produção do discurso também e o lugar esse onde a língua funciona.

No discurso de Queiroz, existe um lugar social em que os enunciados são produzidos, pois a escrita poética da autora é propagada por meio de um discurso reivindicatório. No poema “Não sou poeta”, datado de 1872, ela discorre que não ambiciona o lugar dos poetas consagrados pelo cânone literário, ou seja, os consagrados poetas do sexo masculino, mas desejava produzir o seu próprio espaço de produção literária e passar a exalar o que a sua alma sentia, resultante das suas longas noites de insônia, assim como pode-se observar a seguir:

Não sou poeta! Que ambição tão louca
Nunca me veio perpassar à mente,
Só o que quero, o que exalar procuro,
São os efeitos que minh’alma sente.

São esses cismar das insônias minhas,
Das longas noites que velando eu passo;
Quando minh’alma’s estremece em dores
E a fronte exausta eu reclino ao braço.

São esses sonhos, que outr’ora eu tive
Doces arroubos d’uma infantil creança,
Mimosa flores que colhi sorrindo,
Hoje murchadas n’uma dor imensa!

São os sorrisos da primeira idade.
Da quadra linda! da mimosa infância!
São os perfumes tropicais das flores
Que à primavera eu sorvi com ânsia.

São esses ternos d’harmonia infinda
Que a noite escuto no voar da brisa!
São os perfumes que nos ares bebo
Quando minh’alma de cantar precisa!

Não sou poeta, ainda assim não posso
Na lira afoita modular um canto,
Nele só gemo meus suspiros da alma,
Como voz cortada pelo amargo pranto.

E tu, ó mundo que sorrindo escutas
Estes segredos do sentir sombrio,
Por Deus, consente que s’ escapem livres,
Não os sufoques com teu rir ímpio.

Embora eu sinta, quando a dor palpita,
Mórbida a fronte sobre a mão pender-me,
sem um suspiro que o pesar revele

Silente a mágoa ao cismar render-me.

E quando a tarde melancólica expira
Sinto os eflúvios d'essa mágica hora;
Da bela noite que sombria desce
Certa tristura que minh'alma adora.

Por noite estivera ao relento exposta
Fitando a Lua-qual visão d'amores-
Seus doces raios se m'embebem n'alma
Calando as queixas que descerram dores.

Então eu sinto que em supremo enlevo
Esqueço o mundo com seu caos medonho,
E a essa altura que chegar não posso
Eu me transporto no suave sonho

Não sou poeta, ainda assim não posso
Na lira afoita modular um canto,
Nele só gemo meus suspiros da alma,
Como voz cortada pelo amargo pranto.

E tu, ó mundo que sorrindo escutas
Estes segredos do sentir sombrio,
Por Deus, consente que s' escapem livres,
Não os sufoques com teu rir ímpio.
(Novembro de 1872)

Queiroz revela em sua poesia a inquietude de uma alma em êxtase, procurando exalar o sentimentalismo audaz que se expande. Muito embora a autora afirme, ironicamente, que não é poeta, a sua pretensão é de fato ser uma poetisa e deixar exalar, livremente, os efeitos que sua alma é capaz de manifestar através da poesia. Vale ressaltar que esse poema, assim como outros de mesma temática, é resultante da inquietação dos seus pensamentos e da condição de mulher marginalizada de uma sociedade com moldes patriarcais.

Além disso, nos versos podemos evidenciar um estado de letargia, onde a autora está imersa na atmosfera de sonhos profundos. No canto da lira são executados arpejos suaves pelos encantos da noite, nesse aspecto o clima noturno e sereno é sentido e manifestado pelo eu lírico à medida que a sinestesia presente nos versos combina efeitos sensoriais e impressões da palpitante dor que a autora revela ao despertar do sonho. Esse estado de dormência pode ser interpretado da seguinte forma, ao adormecer ela tem inspirações poéticas na noite profunda a modular o canto da lira, mas ao despertar se depara com as dores que penetram a sua alma, talvez pelo fato dela ser incompreendida.

Ainda assim, ela revela que sua alma precisa cantar, manifestando, no poema, sua infância, com os “sorrisos da primeira idade” em Piracuruca, cidade onde nasceu, passando pela

a vida adulta, nas suas experiências conjugais, com os seus dois matrimônios e, na velhice, os anseios do seu triste fim. Mesmo nas ânsias da morte ela ainda encontrou forças para escrever versos, deixando transparecer suas dores e angústias, não só na temática deste poema analisado como em outros da coletânea de *Flores Incultas*.

Para ela, escrever significava expressar sua subjetividade para que o mundo escutasse os segredos do seu “sentir sombrio” manifestado no canto da sua lira. A sua lira é modulada à medida que seus sentimentos ficam em êxtase, nesse sentido o seu fazer poético ganha as dimensões de um diário, lugar onde ela esboça suas angústias, sentimentos melancólicos e nostálgicos. Somos conduzidos a vislumbrar a subjetividade da autora na superfície do texto. É importante deixar claro que subjetividade e identidade são termos intercambiáveis, conforme Woodward *et al.* (2020, p. 55-56):

O termo “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiáveis. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos, as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre o que nós somos. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.

O conceito de subjetividade vai em direção ao eu, ou seja, nossas experiências pessoais e nossos sentimentos íntimos, assim como Amélia Queiroz apresentou na sua poesia. Entretanto, quando essa subjetividade transpõe o pensamento e se materializa no texto, ganhando a configuração do contexto social no qual é produzido, seja permeada pela linguagem, seja pela cultura, torna-se identidade, termo complexo e multifacetado, mas que é construído pelo sujeito à medida que ele atua na linguagem.

Sobre identidade, Hall (2006, p. 21) argumenta que “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida”, nesse sentido, a identidade construída é capaz de mudar à medida que esse sujeito é interpelado por um discurso, capaz de norteá-lo em suas escolhas e também na forma como ele é representado socialmente. Dante disso, a autora passa por um sistema de representação que faz com que sua poesia ganhe a magnitude de um discurso subjetivo, mas com características de um discurso político.

Luiza Amélia de Queiroz alcançou destaque entre o público da época, por esse motivo foi alvo de muitas críticas, fazendo com que no poema *Conselhos*, datado de 1871, oriente

outras donzelas solteiras e mulheres casadas da sua época a não trilharem os mesmos passos que ela:

Não me julgues feliz, ó donzela,
 Não me inveje querendo imitar;
 D'esta vida que julgas tão bela,
 Deus te livre das dores provar

De que serve a mulher nessa terra
 Ter a mente sublime ideal?
 P'ra sofrer de mil néscios a guerra
 Crua guerra, tremenda e fatal?

Oh! Aqui não se acata a virtude
 Se – no gênio – na frente transluzir!
 Tem incensos aqui quem é rude,
 Quem não vaga no mundo da luz!

Oh! Por Deus, não empulhes a lira,
 Não te cegue o seu brilho vivaz
 Essas flores que a alma respira
 Tem espinhos, venenos letais!

Oh! Não saias do ócio ditoso,
 Em que viver contente a sorrir;
 Não alteres teu doce repouso,
 Não perturbes teu belo porvir.

Tenho lira, que arpejo por vezes,
 É presente me vindo do céu
 Mas por tê-la, suporte revezes!...
 Não os queira provar como eu.

Qual o louco que a fronte me cinge?
 Qual a glória que eu posso alcançar?
 N'esta terra que trama-se e finge
 O que posso de bom esperar?

Uma coroa de pálidas flores
 Diadema que pouco seduz
 Como prêmio de tantos labores,
 E cair abraçando uma cruz?

Será isso, donzela inocente,
 Que te inflama! delírio cruel!
 Não me ouças a lira demente,
 Nos seus carmes não há se não fel!

Não me creias da sorte mimosa,
 Não me invejes querendo imitar;
 D'esta vida que julgas ditosa
 Deus te livre das dores provar.
 (1º de maio de 1871)

O mal-estar dela, manifestado em seu poema, esclarece-nos sobre as dificuldades que ela enfrenta na produção de um lirismo que busca a emancipação da mulher na sociedade e na literatura. Nesse poema, diante da dificuldade de se alcançar essa emancipação, ela recomenda ficar no “ócio ditoso”, pois ele é mais confortável do que ter uma “mente sublime ideal” que manifesta ideias revolucionárias.

A expressão poética de Queiroz carrega certo pessimismo ao atribuir, segundo a sua concepção, uma “guerra cruel”, que causa dor e descontentamento, à alma feminina por transgredir os horizontes que lhes são impostos. Além disso, os versos “têm incensos aqui quem é rude /Quem não vaga no mundo da luz!” denunciam que a mulher provida de luz, ligada ao intelectualismo, é menos valorizada do que as que escolhem aceitar a sua condição de mulher tradicional.

No poema *Conselhos*, Queiroz dá ênfase ao intelectualismo feminino, considerado inaceitável às mulheres recatadas que viviam no gineceu do lar; as que resolviam enunciar um discurso seja ele poético ou político em prol da liberdade de expressão da mulher eram consideradas indecentes e criticadas, por isso a escritora aconselhava outras damas a não seguir a carreira de escritora, justamente pelo fato de que elas passariam por reprovações e empecilhos. Outro poema da autora que traz um certo pessimismo sobre o fato de a mulher ser criticada por modular a lira é intitulado como “Lira dormente”, datado de 1873.

Deixa a lira esquecida dormente
 No seu langue torpor
 Não a despertais...bendito o sono
 Que nos acalma a dor!
 Bendito o sono que ao esp'rito enfermo
 traz calma, alívio traz
 Refrigério aos membros fatigados,
 E a alma volte a paz!

Viera tarde a dormência,
 Inda assim à providência
 Agradeço sem cessar;
 Que se ela não fosse,
 N'esse lidar agro-doce
 Talvez me fosse findar!

É tão bela a poesia,
 Tem tal poder, tal magia,
 Que me fascina e seduz!
 Mas eu não posso fitá-la,
 Sou mulher devo evitá-la,
 Os olhos voltar a luz!...

Se em transporte, afanosa,
 Tomo a lira pressurosa
 P'ra triste canto gemer;
 Só cedo a voz da minh'alma,
 Mas refletindo com calma
 Sinto pesar de fazer!

Oh, eu bem sei o que devo
 Ao sexo meu! nem me atrevo
 As leis do mundo alterar!
 Se na lira me excedia,
 Quem amar a poesia
 Há de o erro atenuar!

Porém agora que o fervor insano,
 Que a mente me prendeu,
 Jaz em langue postura reclinado
 Nos braços de Morfeu!

Não quero e nem devo despertá-lo
 Do sono tal feliz!
 Reparo as forças! Da minha alma a lira
 O sono seu, bendiz
 (9 de fevereiro de 1873)

Nesse poema, podemos evidenciar o esquecimento da lira que canta poesia, uma vez silenciada ela não pode ser despertada do seu sono, nesse sentido podemos aplicar ao fazer poético de Queiroz ao ato de silenciar da teoria discursiva do silêncio fundador, aquele cuja ausência não é de sons, mas sim, manifesta-se como a presença de sentidos, conforme Orlandi (2007, p. 68) “o silêncio é a própria condição de produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço “diferencial” da significação: Lugar que permite à linguagem significar”.

O fio condutor do silêncio na poesia de Queiroz é a censura sofrida pela poetisa ao declarar-se escritora. Na estrofe terceira, ela revela motivo pelo qual a lira deve ficar inerte em suas mãos, pois argumenta que mesmo bela a poesia e tendo um poder imensurável de seduzir e fascinar, ela é “mulher”, portanto o contato com a lira deve ser evitado.

Partimos do pressuposto de que a escritora, ao cantar versos, tinha a consciência que seu canto seria criticado, mas também seria ouvido, não um canto qualquer, mas um canto que exala da sua alma carregado de subjetividade e capaz de produzir sentidos. O desejo de Queiroz, conforme essa composição poética, não é alterar as leis estabelecidas ao seu gênero, mas sim provocar um certo desconforto aos modelos sociais vigentes, colocando a mulher como aquela que deveria ter a liberdade de escrever e publicar os seus textos.

Nesse ínterim, a mulher que produz poesia e que publica, assim como Queiroz o fez, manifesta-se como um movimento importante, agente de transformação social ao almejar

colocar a mulher no mesmo patamar intelectual que os homens. A construção cultural da mulher ao longo da história, bem como a sua produção intelectual não deve ser vista como cultura inferior, pois ela faz parte de uma cultura geral, onde ambos os sexos, feminino e masculino, atuam e devem ser vistos da mesma maneira. Para Hollanda (1994, p. 46), “É importante compreender que a “cultura das mulheres”, não é, não deve ser vista como subcultura(...) As mulheres vivem a sua vivência social dentro de uma cultura geral”.

A identidade feminina no discurso de Queiroz é construída à medida que ela desempenha um papel social dentro da sociedade que pertenceu, destacando-se das demais mulheres por não se conformar com o lugar secundário reservado ao seu gênero em seu tempo. Seu discurso apresenta uma multiplicidade de sentidos, discutindo temas que trazem à tona a voz ativa ao reivindicar a igualdade intelectual entre homens e mulheres, marcando um posicionamento onde a mulher questiona o seu lugar de atuação.

Sobre a compreensão de identidade construída por um sujeito feminino, Caixeta e Barbato (2004, p. 7) argumentam que “é uma multiplicidade dinâmica de papéis sociais que exige recuperar a história e os diversos contextos que possibilitaram essa construção da mulher através do tempo”, ou seja, o conceito de mulher, assim como a sua identidade subjetiva, é construído através da história ganhando outras configurações a depender do contexto.

Este discurso dotado de identidade é perpassado pela esfera subjetiva do eu da autora, possibilitando compreender que a identidade pode ser vista sob o viés pessoal, apresentado pelas ideias e funções do indivíduo, mas também pode ser coletiva desenvolvida dentro de processos sociais, onde o sistema de identificação acontece, pois a posição que assumimos em um discurso constitui a nossa identidade. Nesse sentido ela fica submersa em um sistema marcado pela diferença dentro de um sistema simbólico, segundo Silva (2014, p. 40) “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social”.

Portanto, depreendemos, nesta seção, a análise de quatro poemas da autora oitocentista, Luiza Amélia de Queiroz, vistos sobre a teoria da Análise do Discurso e dos estudos culturais que tratam do conceito de identidade subjetiva e coletiva do sujeito dentro de um sistema de representação. Ademais, procuramos trabalhar nos limites da interpretação a fim de fazermos uma análise temática dos poemas, discutindo o papel da mulher escritora que mesmo dentro de um contexto desfavorável e tendo uma educação meramente primária pegou a lira e expressou os seus anseios e suas ideias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, buscamos analisar, neste trabalho, o discurso poético em quatro poemas de Luiza Amélia de Queiroz à luz da análise do discurso materialista e a construção da identidade na perspectiva dos estudos culturais. Diante disso, a identidade de um sujeito discursivo é construída a partir de um processo de troca entre interlocutores dentro de um contexto sócio-histórico, enunciativo e discursivo.

Deliberadamente, a identidade é construída à medida que o sujeito ocupa uma posição, o que Pêcheux chamou de posição-sujeito, pois esse sujeito se inscreve em uma dada Formação Discursiva na qual ele se identifica para assim formar o sujeito atravessado ideologicamente nas relações sociais de produção de sentidos. O lugar no qual o discurso é produzido mediante as suas CP determina as posições sociais, históricas e ideológicas de produção de sentidos em dada situação comunicativa, no caso, a autora em análise produz o seu discurso em um contexto de domínio masculino no campo da escrita poética, onde as mulheres tinham limitada liberdade de expressão na literatura e também em outras esferas sociais.

Nesse sentido, o trabalho apresentou nas seções propostas um panorama sobre a Análise do Discurso com alguns conceitos ligados a esta linha de estudo em consonância com a construção da identidade por um sujeito. Essa construção da identidade é bastante complexa, pois ele se manifesta através de um processo heterogêneo, apresentando-se como algo que não é fixo, mas transitório, e que é atravessado pela subjetividade do sujeito discursivo, isto é, pelas dimensões intrínsecas à autora, suas emoções, pensamentos e anseios.

O discurso de Queiroz foi construído através das suas vivências e experiências em meio a uma sociedade patriarcal do século XIX, pois, ao ter analisado no corpus deste trabalho os poemas elegidos entre a coletânea de poemas românticos, em *Flores Incultas*, podemos evidenciar um eu-lírico que enuncia suas emoções e anseios dando vazão à inquietude que impedia a lira de Amélia de Queiroz de versejar.

Nesse contexto, sua poesia tem as dimensões de denúncias sociais sobre a condição subserviente reservada às mulheres de sua época, já que essas não tinham a possibilidade de almejar o ensino superior, pelo contrário, eram educadas para serem boas esposas e boas mães, sem sair do gineceu do lar. Diante do exposto, é possível apontar que o discurso da autora faz uma crítica contundente ao modelo social patriarcal, discorrendo poeticamente que as mulheres deveriam ocupar espaços sociais e ganhar reconhecimento pela sua produção.

Nessa perspectiva, os resultados desta pesquisa apontam que os poemas aqui analisados trazem em seus versos o protagonismo feminino e a representação da mulher na literatura de

expressão Piauiense. A autora se apropria do discurso poético a partir do seu lugar de atuação e da sua situação de produção com o propósito de construir uma identidade feminina com multifacetados papéis sociais. Dessa forma, ela questiona os lugares ocupados pelas mulheres de sua época, reivindicando para elas o direito de participação social na escrita literária e de acesso à instrução escolar, influenciando a época em que viveu e ecoando o seu discurso de forma atemporal.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. **Tramas Femininos na imprensa do século XIX: Tessituras de Ignez Sabino de Adélia**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica, Universidade do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 2008, p. 10-284.

BARION, Isabel Francisco *et al.* A educação das mulheres no século XIX: A contribuição de Nísia Floresta. **EDUCERE**: XI Congresso Nacional de Educação, UEM, 2020, p. 1-13.

BORGES, Raimundo Nonato. A educação escolar no Piauí do século XIX: A precariedade do ensino público. v. 3, n. 1. Teresina: **Revista Somma**, jan/ jun, 2017, p. 36-45.

BRANCO, Lúcia Castelo. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.

BRASIL, Coleção das leis do império do Brasil (15 de outubro de 1827). vol 1. Brasília, DF: Senado Federal, [1827]. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 02 set. 2021.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. **Identidade Feminina: Um conceito complexo**. **Paideia**: Ribeirão Preto, V. 14, n 28.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Aspectos da literatura Piauiense**. UFPI: Teresina, 1993.

CASTELO BRABCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9 ed. São Paulo: Paz e terra, 2018.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**: Arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira) plurilinguismo e tradução. Campinas. SP: Mercado das letras, 2007.

CORREIA, Janaina Cavalcante. **Luíza Amélia de Queiroz: Literatura e Feminismo no Piauí do século XIX**. Orientador: Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, TCC (Graduação), Curso de licenciatura em história, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: O discurso Comunista Endereçado aos Cristãos. São Carlos: EduFScar, 2009, p. 250.

FERREIRA, Leandro. **Condições de produção**. In: CRISTINA, Maria (org.) Campinas, São Paulo: Pontes editora, 2020.

FREITAS, Clodoaldo. **Vultos Piauienses**: Apontamentos bibliográficos. 3 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, EDUPI, 2012.

FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. NEIM-UFBA: Salvador, 2002

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar Discursivo**: O imbricamento de diferentes posições-sujeito. Universidade rio dos Sinos (UNISINOS), [20--].

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Tendências e Impasses**: O feminino como crítico da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JINZENJI, Mônica. **Literatura e escrita feminina no século XIX**. Scielo Brasil: Campinas, Unicamp, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CNLc3BVqWtXcYNdfQnwVdpx/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re) Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni. P. Orlandi. Campinas: pontes, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduard; OLIVEIRA, Mariângela Rios *et al*(org). **Manual de linguística**.. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**. In: Suzy Lagazzi - Rodrigues e Eni P. Orlandi (org.) **Introdução às ciências da linguagem**: Discurso e textualidade. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5º ed. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2007b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni. Pulcinelli. Orlandi *et al.* 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

GADET, Françoise. **Por uma análise Automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. *In*: HAK. Tony (org.) 3 ° ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

QUEIROZ, Teresinha. **Educação no Piauí**: 1880-1930. 2 ed. Teresina: Academia piauiense de Letras, 2017.

QUEIROZ, Luiza Amélia. **Flores Incultas**. Teresina Queiroz (Org). Academia Piauiense de Letras: ADUUFPI, 2015

SILVA FILHO, Herculano Moraes. **Visão histórica da Literatura Piauiense**. 4 ed. Teresina: HM Editor, 1997.

SILVA, Rafaela Cardoso. **A poética de Luíza Amélia de Queiroz**: Rastros da memória. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI: Teresina, 2015.

TOSI, Lucia. **Mulher e Ciência**: A revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. *Cadernos pagu* (10) 1998: p. 369-397.

ZINANI, Cecil Jeanine; POLESSO, Natalia Borges. Da margem: A mulher escritora e a história da literatura. **Revista MÉTIS**: História & Cultura. V. 9, n 18, p.99-112, jul/dez, 2010.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ
ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Arissandra Andreia dos Santos, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A mulher na literatura de expressão piauiense: análise da construção da identidade no discurso poético de Luiza Amélia de Queiroz, em Flores Incultas** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 25 de Janeiro de 20 .

Assinatura

Assinatura